

Colegas condenam os delatores

Os motoristas Josué Cardoso, Eli Lopes Leitão (do deputado João Alves) e Eduardo Felício Barbosa (do deputado Cid Carvalho, PMDB-MA), ao que tudo indica, não conseguiram conquistar o apoio dos colegas de profissão. Ao contrário de Eriberto Freire França, o motorista de Ana Acioli, secretária particular do ex-presidente Fernando Collor, os novos personagens a denunciar falcatruas e esquemas de corrupção só geraram protestos na categoria.

À época considerado um exemplo de cidadania, o motorista que apontou as conexões entre Collor e o empresário PC Farias foi aplaudido até por parlamentares dentro do Congresso Nacional, após cinco horas de depoimento, no dia 1º de julho de 1992. Depois disso, ficaram claras as evidências ligando Ana Acioli, Rosinete Melanias, à Brasil Jet e à Casa da Dinda, enfim, todos os elos da trama que resultou no impeachment.

Hoje, passado pouco mais de um ano, os seguidores de Eriberto — motoristas, como ele, que se dispuseram a depor ou simplesmente disparar culpas — são chamados de traidores. Para José de Oliveira, há 12 anos na profissão e agora trabalhando com o senador Lourenberg

Nunes (PPR-MT), a fidelidade ao patrão está acima de tudo e nem em nome do País há como se justificar uma denúncia.

Na opinião de Jairo Borges, atual motorista do líder do Governo no Senado, senador Pedro Simon (PMDB-RS), o que vale é a confiança no chefe. "Se eu confio no senador, não tenho porque discutir. Acho que motorista e patrão devem cultivar respeito e lealdade mútuos. Nunca denunciaria qualquer coisa", garante.

Outro que divide a mesma opinião é o motorista do senador Jutahy Magalhães (PSDB-BA), José Alves, há 12 anos funcionário do Senado Federal. "Nada justifica uma denúncia. Eles querem aparecer", comenta ele.

Escudeiro — Mas não é só entre motoristas que a conduta dos colegas gerou polêmica. Para o deputado José Lourenço (PPR-BA), motoristas e secretárias não foram feitos para denunciar, uma vez que são escolhidos justamente por serem considerados profissionais de confiança. "Não estou defendendo os parlamentares envolvidos na CPI do Orçamento. Só acho que deve haver outra forma de investigar, ao invés de usarem funcionários", explica.

CARLOS EDUARDO



Jairo Borges (motorista de Simon): "O que vale é a confiança no chefe"